

10-2003

JSF - Sopro do Espírito na Igreja

Paulo Vaz

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Vaz, P. (2003). JSF - Sopro do Espírito na Igreja. *Missão Espiritana*, 4 (4). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol4/iss4/13>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

jsf sopro do espírito na igreja

Os JSF foram, desde o início, uma comunidade de grupos, a mais básica e pedagógica de todas as comunidades, onde os cargos correspondiam efectivamente a serviços e onde cada responsabilidade equivalia não a uma honra, mas a uma entrega. Foi dentro dessa lógica de partilha, entrega, comunhão e compromisso que aceitei ser animador de um grupo e, mais tarde, presidente do movimento. Os homens que formam a Igreja e nela participam andam por vezes demasiado embrenhados em raciocínios sociológicos e em lógicas de recursos (humanos e talvez não só...). E fizemos isto com a entrega do nosso tempo, da nossa energia, dos nossos talentos e, enfim, de uma parte das nossas vidas. Cristo morreu e ressuscitou. Porque o Espírito vivifica. Opera em nós e através de nós.

É com alegria que procuro gravar em texto, quatro pontos essenciais do meu sincero e sentido testemunho de pertencer a esta grande família missionária que me acolheu enquanto jovem sem fronteiras.

1. Os Jovens Sem Fronteiras (JSF) transformaram a minha vida. Não por me terem elevado à dignidade de presidente, mas precisamente pelo contrário: por me terem devolvido a simplicidade. Com efeito, se é por ter sido o primeiro presidente do movimento que fui convidado a escrever este artigo, a verdade é que o que realmente me faz sentir grato, em toda a história da minha ligação aos JSF, é o facto de ter pertencido a um dos grupos de base, que ajudei a relançar e que ainda hoje se mantém activo. É que os JSF foram, desde o início, uma comunidade de grupos, a mais básica e pedagó-

*descobri nos JSF
uma forma talvez
mais pura de viver
a fé*

* Paulo Vaz, casado, dois filhos, professor do Colégio Marista em Lisboa, foi o primeiro Presidente Nacional dos Jovens Sem Fronteiras.

os JSF foram um (mais um!) sinal de que a Igreja é uma comunidade banhada pelo Espírito Santo

gica de todas as comunidades, onde os cargos correspondiam efectivamente a serviços e onde cada responsabilidade equivalia não a uma honra, mas a uma entrega. E eu, já participante em muitos grupos de Igreja, habituado a desempenhar todo o tipo de funções e suposto conhecedor de muitas doutrinas e vivências, descobri nos JSF uma forma talvez mais pura de viver a fé: uma oração de mãos dadas, mais do que de mãos postas; uma doutrina de doação, mais do que de prescrições; uma estrutura de comunhão, mais do que de hierarquia. E uma caminhada de implicação, programada a partir de objectivos claros. Foi dentro dessa lógica de partilha, entrega, comunhão e compromisso que aceitei ser animador de um grupo e, mais tarde, presidente do movimento. Porque essas tarefas não me afirmavam superior, antes me comprometiam a ser igual.

2. Os JSF foram o sopro do Espírito na nossa Igreja. Dito de outra maneira: acho que os JSF foram um (mais um!) sinal de que a Igreja, mais do que uma simples estrutura humana, é uma comunidade banhada pelo Espírito Santo, única verdade que a assiste e vivifica. Os homens que formam a Igreja e nela participam andam por vezes demasiado embrenhados em raciocínios sociológicos e em lógicas de recursos (humanos e talvez não só...) e esquecem a singela origem de tudo isto: Jesus Cristo, animado pelo Espírito, chamava, ensinava e enviava. Ou seja: congregava os discípulos à sua volta, oferecia-se como exemplo e mandava aos discípulos que se fizessem eco do que tinham visto e ouvido. Foi a simplicidade desta experiência que se viveu nas actividades do nosso movimento desde o início. Nós juntámo-nos em torno de Jesus Cristo como modelo e do Evangelho como programa de vida, concretizado no ideal missionário, e deixámo-nos encher até transbordarmos. E fizemos isto com a entrega do nosso tempo, da nossa energia, dos nossos talentos e, enfim, de uma parte das nossas vidas. Mais uma vez a exemplo de Cristo: afinal de contas, ele entregou a sua vida inteira. Morreu e ressuscitou. É verdade: ressuscitou! E fica-nos o sinal de que, nesta nossa ténue imitação de entrega em que morremos um pouquinho para nós, também nos sentimos mais vivos e comunicamos vida. Porque o Espírito vivifica. Opera em nós e através de nós.

Creio poder dizer que os JSF contribuíram para devolver a missão à paróquia

3. Os JSF foram uma profecia e um sinal de contradição nas paróquias que tiveram a coragem e a graça de acolher a formação de um grupo. Foram uma profecia porque, ao agirem como grupos de animação missionária no seio das comunidades paroquiais, alertaram os jovens dos grupos e as próprias comunidades para uma realidade que eles praticamente ignoravam ou da qual, pelo menos, andavam alheados. Creio poder dizer que os JSF contribuíram para devolver a missão à paróquia, no sentido em que, através da reflexão e compromisso dos jovens dos grupos, provocaram uma consciencialização de que as comunidades paroquiais participam da missão evangelizadora da Igreja e devem assumir-se como retaguarda da Igreja missionária, abrindo os ouvidos para escutar o clamor do povo, qualquer que seja a distância e arregaçando as mangas para a solidariedade, onde e

quando for preciso praticá-la. E foram um sinal de contradição porque esta consciencialização levou ao reconhecimento de que as paróquias (incluindo os jovens dos grupos e começando por eles) eram, elas próprias, espaço de missão. Creio poder também dizer que os JSF contribuíram para devolver a paróquia à missão. Com efeito, a fim de se tornarem verdadeiras comunidades evangelizadoras, as paróquias (incluindo os jovens dos grupos e começando por eles) teriam de aceitar ser evangelizadas, de acordo com a mística e a dinâmica de uma Igreja missionária ao ritmo do terceiro milénio.

4. Finalmente; não é por saudosismo ou pessimismo que escrevo quase tudo no passado. É talvez por modéstia ou, se quisermos, por noção das proporções. Sei o que vivi nos JSF e sei quando o vivi. Lembro-me dos rostos que me sorriam quando olhava para o lado e recordo o calor das mãos que apertava nas minhas, ao longo do caminho. Seria desonesto se não mencionasse aqui o nome do padre Firmino que, mais do que um coordenador, foi para mim um líder; mais do que um líder, foi uma referência. Guardo a memória das entregas que realizei e das renúncias que fiz, do mesmo modo que sinto a amargura daquelas que não consegui assumir e convivo com o espaço vazio de tudo o que não fui capaz de fazer. Mas tudo isso é olhar para trás, porque sei que a minha vida disparou noutra direcção e só a espaços, episodicamente, se cruza com o movimento que me deixou esta língua de fogo a arder cá dentro. Não é isso, afinal de contas, o que importa? Deixar-se inflamar pelo Espírito e atear este fogo no mundo?...

Os Jovens Sem Fronteiras renovaram-se, porque a Palavra Eterna é como um vinho sempre novo que sempre busca odres novos. O movimento é agora composto por gente nova que celebra vinte anos de uma caminhada que se compromete a assumir como sua também. É gente para quem eu pouco mais sou do que uma referência histórica e é por isso que escrevo no passado. Mas é gente que olha para a frente com uma nova frescura do mesmo sonho e, por isso, deixo à actual presidente a coragem, a graça e o compromisso de falar no presente.

*gente que olha
para a frente com
uma nova frescura
do mesmo sonho*

Paulo Vaz

